

POBREZA E PRÁTICA EMPREENDEDORA: o que diz a produção científica?

JESSICA SILVEIRA SANTOS ARAUJO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

RÚBIA OLIVEIRA CORREA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

GUSTAVO DAMBISKI GOMES DE CARVALHO

UNISENAI - FACULDADES DA INDÚSTRIA

POBREZA E PRÁTICA EMPREENDEDORA: o que diz a produção científica?

1 INTRODUÇÃO

A redução da pobreza é considerada um tema central por muitos pesquisadores das ciências sociais (Si *et al.*, 2020). O *Global Multidimensional Poverty Report (2024)* apresenta uma atualização sobre a pobreza multidimensional no mundo, com base em dados coletados em 112 países. De um total de 6,3 bilhões de pessoas, 1,1 bilhão vive em situação de pobreza, sendo que quase metade (48,2%) reside na África Subsaariana (553 milhões) e um terço (35,0%) no Sul da Ásia (402 milhões). Esses dados justificam o elevado número de estudos focados nessas regiões, nas quais a população enfrenta múltiplas privações simultâneas.

No contexto brasileiro, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), considera-se em situação de pobreza o indivíduo cuja renda familiar per capita harmonizada é inferior ou igual a R\$218,00. Com base nesse critério, estima-se que 20,6 milhões de brasileiros vivem em situação de pobreza (Estimativas de Famílias Pobres e de Baixa Renda para o Cadastro Único, 2024).

Em consonância com o Banco Mundial, observa-se que a redução da pobreza global desacelerou significativamente nos últimos cinco anos, atingindo uma taxa de estagnação. Em 2024, aproximadamente 8,5% da população mundial vivia em extrema pobreza. Embora essa taxa tenha diminuído consideravelmente desde 1990 — quando era de 38% —, o avanço recente tem sido limitado em razão de fatores como o baixo crescimento econômico, os impactos da pandemia de COVID-19, a inflação elevada e o aumento de conflitos e situações de fragilidade. Apesar dessa estagnação, algumas regiões do globo ainda concentram um número expressivo de pessoas em pobreza extrema (Si *et al.*, 2020).

Diante dessa realidade, a redução da pobreza continua sendo uma prioridade para organismos internacionais e governos de países em desenvolvimento. Incentivados por instituições como o Banco Mundial, muitos governos têm adotado o empreendedorismo como estratégia de inclusão produtiva e desenvolvimento socioeconômico (Al-Dajani *et al.*, 2015). A importância do tema é reforçada pelo fato de que a erradicação da pobreza constitui o primeiro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) (Nações Unidas Brasil). Nesse cenário, parte da literatura destaca o empreendedorismo como um fator relevante na mitigação da pobreza (Si *et al.*, 2015; Wu e Si, 2018). Por outro lado, diversos autores alertam que, para que o empreendedorismo possibilite efetivamente a superação da pobreza, é necessário considerar múltiplos fatores contextuais (Morris, Santos e Neumeyer, 2020; Morris *et al.*, 2022; Imas, Wilson e Weston, 2012). Em muitos casos, o empreendimento permite apenas a subsistência do indivíduo, sem geração expressiva de valor econômico.

Com base nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo mapear a produção científica que aborda o empreendedorismo em contextos de baixa renda. Para isso, uma análise sistemática foi realizada a fim de: a) identificar os principais eixos temáticos associados ao tema e b) propor uma agenda de pesquisa voltada a futuras investigações. Com esse propósito, o seguinte problema de pesquisa foi respondido: De que maneira a produção científica sobre o empreendedorismo em contextos de pobreza tem sido estruturada em eixos temáticos, e quais lacunas para futuras investigações ainda persistem?

A construção do conhecimento científico parte, geralmente, da consolidação do estado da arte sobre um determinado tema, sendo a revisão da literatura uma etapa fundamental nesse processo (Afonso *et al.*, 2011). Além de sintetizar os achados existentes, esse tipo de revisão permite identificar lacunas na literatura, contribuindo para o direcionamento de novas pesquisas (Pereira *et al.*, 2019; Araújo, 2006). A presente análise foi conduzida na base de dados Web of Science, a qual oferece recursos para análise de colaborações científicas e

mapeamento de citações, facilitando a identificação dos artigos mais relevantes e influentes no campo (Sampaio *et al.*, 2015).

Além desta introdução, o artigo está estruturado em quatro seções: uma breve fundamentação teórica, a metodologia adotada; a discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

2 EMPREENDEDORISMO EM CONTEXTOS DE BAIXA RENDA

O empreendedorismo pode ser definido como a iniciativa de criação de um novo negócio, seja ele relacionado a novas empresas, empresas estabelecidas ou atividades autônomas individuais, e em contexto nos quais há escassez de oportunidades de trabalho o empreendedorismo surge para auxiliar as pessoas na obtenção de renda e um meio para quebrar o ciclo da pobreza (Martins, Veiga e Cortez, 2020; GEM, 2023; Bruton, Ketchen e Ireland, 2013). Em contrapartida, a compreensão de como o empreendedorismo transforma e desenvolve a atividade econômica ainda é ausente (Alvarez e Barney, 2014). Diante disso, há a necessidade de analisar quais questões incentivam e sustentam empreendedores que vivem na pobreza (Bruton, Ketchen e Ireland, 2013)

Levando em consideração a motivação para empreender, o GEM (2024) distingue duas categorias, o empreendedorismo por necessidade e por oportunidade. Dencker *et al.* (2021) conceituam o empreendedorismo por necessidade, baseado na teoria de Maslow, como a criação de empreendimentos por indivíduos visando atender as necessidades fisiológicas e de segurança básicas. Em contrapartida, o empreendedorismo de oportunidade é definido como a identificação de uma oportunidade de negócio a ser explorada (GEM, 2024). Em contextos de baixa renda os indivíduos empreendem por necessidade, como é o caso dos camponeses Yiwu, na China, que desenvolvem atividades de vendedores ambulantes para sobreviver (Si *et al.*, 2015). Em contrapartida, nada impede que esses indivíduos consigam escalar seus empreendimentos (Wierenga, 2020).

A forma mais extrema de pobreza é aquela que os indivíduos sofrem graves privações, com saúde e bem-estar ameaçados mesmo que com pequenos contratemplos. Esse padrão de pobreza é mutável ao longo do tempo, sendo assim, compreender esse fenômeno é fundamental para pesquisas e práticas relacionadas ao tema (Si *et al.*, 2020). Além disso, os autores ressaltam que ainda existem problemas na definição de pobreza, bem como confusão entre os conceitos de pobreza e desigualdade de renda. Para mitigar esse desafio de definição, o relatório *Poverty, Prosperity and Planet Report* (2024) do Banco Mundial, diferentes limites de renda são utilizados para definir a pobreza globalmente. As pessoas com renda ou consumo abaixo da linha internacional de pobreza (mediana das linhas nacionais de pobreza em países de baixa renda), o equivalente a US\$2,15 por pessoa por dia, vivem em extrema pobreza. O banco define ainda, uma segunda linha de pobreza, que é de US\$6,85 por pessoa por dia, nessa segunda linha é utilizada a mediana da linha nacional de pobreza em países de renda média-alta. A terceira linha de pobreza é a de países de renda média-baixa, seguindo o quantitativo de US\$3,65 por pessoa por dia. Sendo assim, o empreendedorismo em contexto de baixa renda se concentra em estudar as pessoas que se encontram dentro desses limites de renda.

Apesar das dificuldades encontradas diante desse contexto, os indivíduos empreendem como forma de reduzir as incertezas de vida (Viswanathan *et al.*, 2014). Além disso, o empreendedorismo em ambientes de incertezas pode ser implementado como meio para aumentar as opções de trabalho disponíveis aos indivíduos (Yessoufou, Blok e Omta, 2018). Diante disso, uma solução seria auxiliar aqueles que vivem em contextos de baixa renda a criarem seus negócios (Bruton, Ketchen e Ireland, 2013). Sendo assim, Si *et al.*, (2015) em

seus estudos identificaram etapas que auxiliaram os empreendedores a saírem da pobreza, mesmo diante das dificuldades. A primeira foi a mudança de atitudes dos empreendedores, deixando de lado comportamentos passivos e engajando-se no combate à pobreza; a segunda, a motivação gerada pelas interações entre a população empobrecida da região e os empreendedores que saíam da pobreza; além disso, a busca por pequenos lucros em vez de lucros maximizados; e, por fim, a criação de modelos de negócios disruptivos.

Assim como em outras formas de empreendedorismo (ex. feminino, jovem, sênior, afro...), o empreendedorismo na pobreza também possui desafios. As principais barreiras ao empreendedorismo nesse contexto identificadas foram a escassez de recursos, nível baixo de escolaridade, pressões internas, ausência de redes de apoio e falta de habilidades importantes para o desenvolvimento do empreendimento (Morris, Santos e Neumeyer, 2020; Wierenga, 2020; Morris *et al.*, 2022). Apesar dos desafios, o empreendedorismo pode ser uma ferramenta eficaz para gerar renda e emprego para os indivíduos nesse contexto, para isso, é necessário considerar fatores que facilitam, como apoio de redes, acesso ao microcrédito e programas de treinamento (Naminse, Zhuang e Zhu, 2019; Sridharan *et al.*, 2014; Wu e Si, 2018). De acordo com (Si *et al.*, 2015), os estudos anteriores relacionados ao empreendedorismo em contextos de pobreza foram influenciados por temas relacionados ao apoio externo, como as microfinanças e outros suportes governamentais e de instituições. No entanto, o apoio financeiro isoladamente não é suficiente para transformar a realidade dos empreendedores (Wang e Jie, 2025). Por isso, as microfinanças quando integradas à programas que apoiam as relações de grupo aumentam a produtividade e o padrão de vida (Nukpezah e Blankson, 2017).

Isto posto, uma pesquisa acerca do empreendedorismo em contextos de pobreza se fundamenta pelas tendências de redução da pobreza, como objetivo número um do desenvolvimento sustentável estabelecido pela Organização das Nações Unidas. Em vista disso, todos esses fatores justificam a realização de pesquisas para compreensão mais aprofundada do fenômeno empreendedorismo na pobreza. No tópico a seguir discutiremos a abordagem metodológica utilizada nesse artigo.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este estudo tem como objetivo mapear as discussões teóricas sobre o empreendedorismo em contextos de baixa renda presentes na literatura científica. A principal questão que orienta a investigação é: De que maneira a produção científica sobre o empreendedorismo em contextos de pobreza tem sido estruturada em eixos temáticos, e quais lacunas para futuras investigações ainda persistem? Para respondê-la, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, por meio de uma revisão sistemática da literatura.

A revisão sistemática consiste em um tipo de investigação voltada à identificação, seleção, avaliação e síntese das evidências disponíveis sobre uma temática claramente definida (Galvão; Pereira, 2014). Essa abordagem permite uma compreensão abrangente e fundamentada do conhecimento acumulado, contribuindo para o aprofundamento teórico e para a identificação de lacunas e oportunidades de pesquisa. O estudo também é caracterizado como exploratório, uma vez que busca organizar e compreender um campo que, embora crescente, ainda carece de sistematização e consolidação teórica; neste caso, o empreendedorismo em contextos de baixa renda. Nesse sentido, a investigação não parte de hipóteses predefinidas, mas sim da necessidade de levantar, descrever e refletir sobre os principais direcionamentos que a literatura tem tomado sobre o tema (Sampieri, Collado e Lucio, 2014).

Para garantir rigor metodológico na seleção e priorização dos artigos analisados, foi utilizado o método *Methodi Ordinatio*, o qual propõe uma fórmula de ranqueamento que

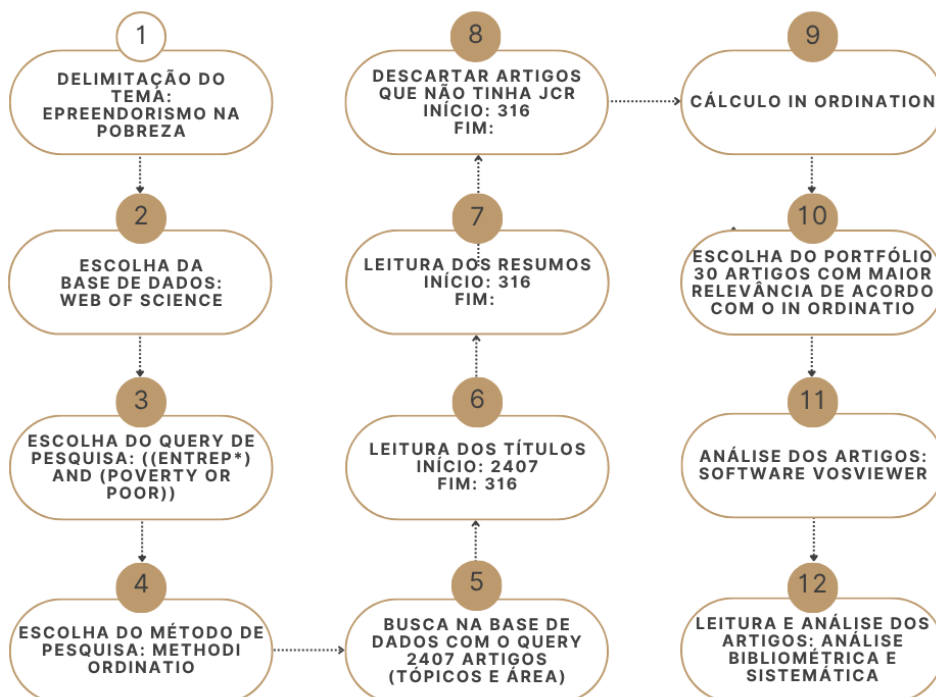
considera o fator de impacto dos periódicos (com base no Journal Citation Reports - JCR), o número de citações dos artigos e o ano de publicação, resultando no indicador InOrdinatio (Pagani, Kovaleski e Resende, 2018). Esse método é amplamente utilizado em estudos de revisão por oferecer critérios objetivos de qualificação dos artigos, favorecendo a transparência e a replicabilidade do processo de seleção.

A coleta de dados foi realizada na base Web of Science, reconhecida por sua abrangência e qualidade na indexação de periódicos científicos de alto impacto (Carvalho *et al.*, 2020). A busca foi realizada em 22 de abril de 2025, utilizando os descritores ((entrep*) AND (poverty OR poor)) aplicados ao campo “tópico”. A busca inicial retornou 3.837 artigos. Em seguida, aplicaram-se filtros por áreas de pesquisa (Business Economics, Social Sciences Other Topics, Public Administration, Social Work e Social Issues), reduzindo o total para 2.407 artigos.

Posteriormente, foi realizada a leitura dos títulos com o intuito de verificar o alinhamento dos artigos ao escopo do estudo, o que resultou na seleção de 316 publicações para leitura dos resumos. Dentre esses, 20 foram excluídos por se tratarem de capítulos de livros, restando 296. Após a leitura dos resumos, 124 artigos foram considerados pertinentes. A fim de manter o rigor científico, foram excluídos os artigos publicados em periódicos sem fator de impacto, conforme verificado por meio da base do JCR, totalizando 120 artigos elegíveis.

Os artigos foram organizados em uma planilha do LibreOffice Calc contendo título, fator de impacto, número de citações e ano de publicação. A partir desses dados, foi aplicado o cálculo do indicador InOrdinatio, conforme o método adotado. Considerando a ordenação por relevância e o objetivo de garantir profundidade na análise, foram selecionados os 30 artigos mais bem ranqueados, que compõem o portfólio analisado nesta revisão sistemática. As etapas metodológicas seguidas estão representadas na Figura 01, de forma a favorecer a transparência e a replicabilidade da pesquisa.

Figura 01: Etapas desenvolvidas na seleção do portfólio.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A partir da seleção do portfólio com base nos critérios estabelecidos, o trabalho prossegue com a apresentação e análise dos artigos selecionados. Inicialmente, são discutidos os resultados gerais da revisão sistemática, com destaque para os aspectos metodológicos, geográficos e temporais das publicações. Em seguida, os estudos são organizados em eixos temáticos que refletem os principais focos da produção científica sobre empreendedorismo em contextos de pobreza. Essa estrutura analítica permite não apenas sistematizar o conhecimento existente, mas também identificar lacunas e tendências emergentes, que fundamentam a agenda de pesquisa proposta nas seções finais.

Cabe destacar que esse estudo fez uso do ChatGPT (modelo GPT-4, desenvolvido pela OpenAI), com o propósito exclusivo de realizar a revisão textual do manuscrito. Ressalta-se que seu uso não envolveu qualquer interferência nos conteúdos analíticos, interpretações dos dados ou conclusões da pesquisa.

4 DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção têm-se a discussão dos resultados do estudo. Inicialmente é exibida uma revisão sistemática conduzida com base no método *Methodi Ordinatio*, a partir de um portfólio de estudos relevantes sobre o empreendedorismo em contextos de pobreza. Em seguida, a revisão em questão subsidia as proposições que deram origem a uma agenda de pesquisa futura.

4.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DO PORTFÓLIO DE ESTUDOS

O portfólio de estudos selecionado para esta revisão sistemática é composto majoritariamente por artigos de autoria múltipla, com apenas três trabalhos assinados por um único autor. As publicações se concentram, em sua maioria, em contextos da África, China e Índia — países que, especialmente no caso da China e da Índia, têm desempenhado papel significativo na redução da pobreza mundial (Nações Unidas, 2015).

A diversidade metodológica dos trabalhos reflete a complexidade e o caráter emergente da temática investigada: 30% dos estudos têm caráter teórico (revisões de literatura ou propostas conceituais), 40% adotam abordagens qualitativas, 23,3% quantitativas, 3,3% mistas (qualitativo/quantitativo) e 3,3% baseiam-se em análise empírica com dados secundários. Essa variedade metodológica revela uma tendência dos pesquisadores em buscar compreensões mais aprofundadas e na construção de arcabouços conceituais, considerando que o campo ainda se encontra em processo de consolidação.

Verificou-se também um avanço contínuo das publicações a partir de 2005, com destaque para o aumento expressivo no período da pandemia de COVID-19 — momento em que empreendedores em situação de pobreza se mostraram particularmente vulneráveis a choques externos, despertando maior interesse acadêmico (Morris *et al.*, 2022). Importa salientar que esta análise foi realizada a partir dos estudos mais relevantes, selecionados com base no método *Methodi Ordinatio*, o que limita a possibilidade de generalizações e de uma abordagem longitudinal mais abrangente.

Como parte dos objetivos específicos desta revisão sistemática, buscou-se identificar os principais eixos temáticos que orientam a produção científica sobre empreendedorismo em contextos de baixa renda. A partir da análise do portfólio selecionado pelo método *Methodi Ordinatio*, foi possível agrupar os artigos em categorias analíticas que refletem os principais enfoques teóricos recorrentes nos estudos.

O eixo mais presente refere-se às **características do empreendedorismo** em contextos de baixa renda, seguido da sua efetividade como **instrumento de redução da pobreza**, evidenciando o esforço da literatura em compreender as dinâmicas, limitações e

potencialidades desse fenômeno em realidades de vulnerabilidade. Em terceiro lugar, destacam-se os estudos que discutem o **empreendedorismo feminino em contextos de baixa renda**, com foco no protagonismo feminino e nos desafios enfrentados por mulheres empreendedoras em contextos de pobreza. Por fim, um conjunto de artigos reúne discussões sobre as **estratégias de promoção e dinâmicas setoriais do empreendedorismo na pobreza**, englobando tanto os programas de incentivo (como microfinanças, políticas públicas e ações de capacitação), quanto às experiências empreendedoras em setores específicos, como o turismo, a tecnologia e a inovação, além da identificação de oportunidades empreendedoras em territórios de baixa renda.

A delimitação desses eixos teóricos permite uma visão estruturada da produção científica sobre o tema e subsidia a proposição de agendas futuras de pesquisa mais sensíveis às realidades dos empreendedores em situação de pobreza. A seguir maiores detalhes acerca dos eixos citados, onde os artigos pertencentes a cada um deles são apresentados de forma cronológica.

4.1.1 Características do Empreendedorismo em Contextos de Baixa Renda

Neste tópico, os artigos analisados concentram-se em compreender o cenário do empreendedorismo em contextos de pobreza, seja por meio de pesquisas empíricas, estudos conceituais ou abordagens críticas. A seguir, apresenta-se uma síntese desses estudos organizada cronologicamente.

O estudo de Fairlie (2005) utilizou dados da Pesquisa Longitudinal Nacional da Juventude (NLSY) para comparar os rendimentos de jovens empresários e trabalhadores assalariados oriundos de famílias desfavorecidas. Os resultados indicaram que, para os homens, o trabalho autônomo proporcionava rendimentos superiores em relação ao emprego assalariado, ao passo que essa vantagem não foi observada para as mulheres, mesmo após o controle de características pessoais e inobserváveis, como aversão ao risco e capacidade empreendedora.

Imas, Wilson e Weston (2012), com base na economia descalça de Max-Neef e em micro-histórias, investigaram como indivíduos em regiões periféricas do Chile, Argentina, Zimbábue e Gana empreendem a partir das margens. O estudo critica a narrativa neoliberal dominante, que negligencia populações marginalizadas, e destaca como essas comunidades desenvolvem formas alternativas de empreendedorismo, adaptadas às suas realidades locais e necessidades básicas.

Em Bruton, Ketchen e Ireland (2013), os autores investigaram o conhecimento acumulado sobre empreendedorismo, gestão e economia em contextos de pobreza. No campo do empreendedorismo verificaram predominância de estudos qualitativos, com foco na atuação das instituições e seus efeitos nesses contextos. Na área de gestão, os artigos focam em gestão de empresas maduras que auxiliam os indivíduos em contextos de baixa renda. Por fim, na economia, os autores destacam aspectos relevantes da dinâmica econômica desses territórios, que podem contribuir significativamente para o avanço de pesquisas sobre empreendedorismo em contextos de pobreza.

Verrest (2013) explorou a diversidade de empreendedores envolvidos em Atividades Econômicas Baseadas em Casa (HBEAs) em comunidades vulneráveis. A pesquisa revelou que a produção e venda de alimentos, frequentemente conduzidas por mulheres, eram as atividades predominantes. Famílias que dependiam exclusivamente dessas atividades mostraram-se mais vulneráveis, especialmente aquelas com maior número de dependentes. As motivações empreendedoras variavam entre a necessidade e a busca por maior consumo, e a autora concluiu que as políticas públicas existentes estavam mal adaptadas às realidades e

ambições desses empreendedores.

Em Viswanathan *et al.* (2014), o foco recai sobre o empreendedorismo de subsistência, caracterizado por ações empreendedoras de indivíduos em situação de pobreza. O estudo amplia a análise para além da dimensão econômica, incorporando os valores sociais, culturais e simbólicos. Destaca-se o papel das redes de troca comunitária e mercados informais como essenciais para a sobrevivência desses empreendedores e circulação de bens e serviços.

George *et al.* (2016) investigaram os fatores sociais e estruturais que influenciam o comportamento empreendedor em contextos de pobreza extrema, com foco na África rural. A pesquisa mostrou que laços sociais fortes são fundamentais para acesso a recursos e informações, enquanto laços fracos ampliam as oportunidades de mercado. A interação entre estrutura social e busca por "ganhos razoáveis" molda a identificação e exploração de oportunidades empreendedoras.

Em Yessoufou, Blok e Omta (2018), o objetivo foi aprofundar a compreensão do processo de ação empreendedora na Base da Pirâmide (BoP) em países em desenvolvimento. Os autores concluíram que as motivações e a habilidade de aproveitar oportunidades, por si só, não explicam totalmente o processo empreendedor nesses contextos, e que as adversidades servem como catalisadores primários para as iniciativas empreendedoras.

Cheng, Tani e Wang (2021) analisaram dados dos Estudos de Painéis Familiares da China (2012–2018) para investigar a relação entre pobreza energética e empreendedorismo. Os resultados apontam que indivíduos em extrema pobreza, especialmente em lares com acesso energético precário, têm maior propensão a empreender, motivados pela vulnerabilidade socioeconômica e pela necessidade de sobrevivência.

Dencker *et al.* (2021) propuseram uma reconceitualização do empreendedorismo por necessidade a partir de uma abordagem motivacional. O estudo desenvolveu uma tipologia de empreendedores por necessidade, analisando como suas necessidades básicas e níveis de capital humano influenciam seus processos e resultados. Concluiu-se que mesmo empreendedores movidos pela necessidade podem buscar crescimento e desenvolvimento, ampliando o entendimento sobre as interações entre pobreza e ação empreendedora.

Em Morris *et al.* (2022), os autores introduziram o conceito de responsabilidade da pobreza, investigando como as desvantagens estruturais — como a baixa alfabetização, escassez de recursos, pressões internas e ausência de redes de apoio, especialmente financeiras — impactam negativamente os empreendedores em situação de pobreza. O estudo argumenta que a incapacidade de superar esses desafios tende a resultar em empreendimentos insustentáveis e reforça a necessidade de políticas públicas mais efetivas.

4.1.2 Empreendedorismo e a Redução da Pobreza

O ponto central que une os artigos desta categoria é a análise do empreendedorismo como instrumento para a redução da pobreza. Enquanto alguns autores defendem seu papel efetivo no alívio da pobreza (Si *et al.*, 2015; Wu e Si, 2018), outros apontam que o empreendedorismo em contextos de pobreza garante a sobrevivência dos indivíduos e suas famílias, mas não promove crescimento econômico sustentável, sendo necessárias estratégias complementares para que esses empreendedores superem o nível da subsistência (Imas, Wilson e Weston, 2012; Morris, Santos e Neumeyer, 2020; Morris *et al.*, 2022). Há também autores que oferecem uma visão mais abrangente sobre a temática, destacando os diversos fatores que mediam essa relação.

Imas, Wilson e Weston (2012), com base na economia descalça de Max-Neef e em micro-histórias, investigaram como agentes de comunidades carentes no Chile, Argentina,

Zimbábue e Gana empreendem a partir das margens. O estudo questiona a narrativa neoliberal dominante sobre o empreendedorismo, que tende a ignorar as realidades de populações marginalizadas, e destaca formas alternativas de ação empreendedora baseadas em redes comunitárias e valores locais.

Em Tobias, Mair e Barbosa-Leiker (2013), o foco é a atuação de empreendedores na indústria de café especial em zonas rurais de Ruanda, regiões marcadas por conflitos e pobreza estrutural. Os autores propõem um arcabouço teórico que entende a criação de valor econômico e social como um processo localizado, movido por mecanismos intencionais ou não, e mediado por atores diversos — empresariais, sociais, institucionais e populares.

Sridharan *et al.* (2014) analisaram o fenômeno do empreendedorismo de subsistência transformador, estudando empreendedores que, a partir de condições precárias, conseguiram expandir seus negócios e melhorar significativamente seu bem-estar econômico e social. O estudo destaca o papel de "gatilhos" — como o apoio de familiares, fornecedores ou parceiros — no estímulo ao crescimento, o que permite aos empreendedores influenciar positivamente outros atores fora de seu subsistema original.

Si *et al.* (2015), ao estudar o caso da cidade de Yiwu, na China, identificaram doze fatores associados à redução da pobreza por meio do empreendedorismo. Os autores destacam quatro etapas fundamentais nesse processo: (1) mudança de atitudes da população, de passividade para ação; (2) interação entre indivíduos ainda empobrecidos e aqueles que já superaram a pobreza; (3) foco em pequenos lucros em vez da maximização; e (4) criação de modelos de negócios disruptivos com consumidores também atuando como produtores. Os autores ainda ressaltam a importância de forças internas nesse processo, como motivação pessoal e agência, frequentemente negligenciadas na literatura.

Wu e Si (2018) ampliaram a discussão ao propor uma tipologia para o empreendedorismo relacionado à redução da pobreza na China. Eles diferenciaram tipos endógenos (como inovação disruptiva, empreendedorismo inclusivo e trabalho autônomo) e exógenos (como empreendedorismo social e acesso a microcréditos). O estudo conclui que a inovação disruptiva, aliada a redes sociais sólidas, foi o principal fator de impacto na redução da pobreza.

Naminse, Zhuang e Zhu (2019) analisaram o empreendedorismo rural em duas províncias chinesas com recursos limitados. A pesquisa apontou que as capacidades educacionais, econômicas e socioculturais dos empreendedores agrícolas foram fundamentais para mitigar a pobreza, confirmando a natureza multidimensional do fenômeno e a necessidade de abordagens intersetoriais para enfrentá-lo de forma sustentável.

Morris, Santos e Neumeyer (2020) propuseram o modelo SPONDER, que busca superar os desafios enfrentados por empreendedores pobres. O modelo enfatiza a construção de um ecossistema abrangente de apoio, incluindo acesso a redes, produtos, serviços, infraestrutura, capacitação e financiamento. O estudo destaca que o sucesso dos empreendedores em situação de pobreza depende não apenas do capital financeiro, mas também de um ambiente de suporte sistêmico.

Si *et al.* (2020) voltaram a abordar o tema em uma revisão da literatura, focando na interseção entre empreendedorismo, inovação e tecnologia. Os autores argumentam que a pobreza é um conceito dinâmico, que vai além da simples desigualdade de renda. Apontam ainda que tecnologias inclusivas podem ser decisivas para impulsionar os negócios de empreendedores vulneráveis, contribuindo para a superação da pobreza.

Shepherd, Parida e Wincent (2021) investigaram a visão de empreendedores de favelas sobre como suas atividades podem aliviar a pobreza, especialmente ao priorizarem a educação dos filhos. O estudo propõe um modelo de alívio da pobreza com perspectiva intergeracional,

destacando que, mesmo sem retornos imediatos significativos, o empreendedorismo pode ser um caminho de transformação a longo prazo para as futuras gerações.

Morris *et al.* (2022) introduzem o conceito de responsabilidade da pobreza, analisando como lacunas na alfabetização, ausência de apoio financeiro, escassez de recursos e pressões internas afetam negativamente os empreendedores pobres. A pesquisa conclui que a permanência em situações de vulnerabilidade pode gerar negócios insustentáveis se não houver intervenções efetivas para mitigar esses obstáculos estruturais.

4.1.3 Empreendedorismo Feminino em Contextos de Baixa Renda

Esta categoria analisa como o empreendedorismo pode atuar como um instrumento de superação da pobreza entre mulheres em contextos vulneráveis. Os estudos aqui apresentados investigam os potenciais emancipatórios, os limites estruturais e os efeitos sociais da inserção feminina em atividades empreendedoras.

Em uma das primeiras contribuições sobre o tema, Al-Dajani e Marlow (2010) analisaram o empreendedorismo feminino em um contexto de pobreza dentro de uma sociedade patriarcal. As autoras identificaram três características fundamentais nas mulheres empreendedoras: (i) o entendimento das regras e limitações do ambiente institucional; (ii) a busca por redes de apoio para desenvolver habilidades, como a negociação; e (iii) o controle da vida familiar como condição para a continuidade do negócio. Além disso, o estudo destacou a sobrecarga de trabalho vivida por essas mulheres, divididas entre as responsabilidades domésticas e os empreendimentos, bem como percepções ambíguas sobre o controle financeiro — enquanto algumas buscavam autonomia, outras apenas desejavam contribuir com a renda familiar.

Com base na experiência de mulheres negras pobres na África do Sul, Scott *et al.* (2012) investigaram, ao longo de três anos, o papel da Avon como meio de empoderamento e superação da pobreza. O estudo concluiu que, embora a empresa represente uma via de emancipação para muitas mulheres, sua eficácia é limitada por deficiências de infraestrutura e por restrições estruturais do próprio modelo de negócios, caracterizando-se, assim, como uma solução apenas parcial.

Al-Dajani *et al.* (2015) examinaram o papel das intermediárias comerciais no contexto de mulheres artesãs que trabalham em casa. As autoras observaram que, em vez de promover a autonomia das empreendedoras, os contratos estabelecidos por essas intermediárias eram restritivos e de exclusividade, o que limitava o acesso a novos mercados. A pesquisa concluiu que essas práticas, apesar de aparentemente oferecerem apoio, na verdade aprisionavam as mulheres em ciclos de dependência, não promovendo mudanças significativas na sua condição socioeconômica.

No estudo de Osei e Zhuang (2020), investigou-se se a interação entre empreendedorismo feminino, capital social e inovação social contribui para o alívio da pobreza rural em países em desenvolvimento. Os autores concluíram que o incentivo à participação das mulheres em atividades empreendedoras representa uma das principais ferramentas para enfrentar a pobreza nessas áreas, especialmente por meio do fortalecimento de redes e da mobilização de capital social.

Por fim, Chatterjee, Shepherd e Wincent (2022) examinaram o bem-estar de mulheres empreendedoras marginalizadas que participaram de programas de treinamento em empreendedorismo e criação de negócios. Os autores constataram que, embora tais programas possam promover o sucesso nos negócios, nem sempre estão associados à melhoria do bem-estar pessoal. O estudo destaca a heterogeneidade das trajetórias femininas, apontando que

prosperidade econômica e bem-estar subjetivo nem sempre caminham juntos, e que o empoderamento exige uma abordagem mais holística e sensível às condições individuais.

4.1.4 Dinâmicas Setoriais e Estratégias Emergentes no Empreendedorismo em Contextos de Pobreza

Este último eixo analítico reúne estudos que abordam o empreendedorismo em contextos de pobreza a partir de diferentes recortes setoriais — como turismo e agricultura —, bem como estratégias emergentes ligadas a programas de incentivo, inovação, tecnologia e exploração de oportunidades. Esses estudos apontam para abordagens alternativas e complementares ao empreendedorismo de subsistência, destacando caminhos que potencializam a superação da pobreza de forma mais estruturada e sustentável.

Holden, Sonne e Novelli (2011) investigaram as percepções dos moradores pobres de Elmina, Gana, sobre o turismo como fonte de subsistência. Os autores identificaram que, embora o turismo represente uma via promissora para a redução da pobreza, os empreendedores enfrentam limitações como acesso restrito ao crédito, burocracia e baixa qualificação.

Kwaramba *et al.* (2012) analisaram um programa governamental de fomento ao empreendedorismo turístico na África do Sul. Embora o programa tenha proporcionado algum alívio imediato, ele resultou em dependência e não impulsionou a autonomia das mulheres empreendedoras. O estudo destaca a necessidade de formação em competências empreendedoras e gerenciais para ampliar a autoconfiança e promover a emancipação econômica.

Alvarez e Barney (2014) exploraram a viabilidade de diferentes tipos de oportunidades empreendedoras em contextos de pobreza extrema. Concluíram que, nessas situações, o trabalho autônomo é a opção mais acessível, mas raramente promove crescimento econômico real. Já as oportunidades baseadas em descoberta ou criação exigem atributos como capital humano, financeiro e direitos de propriedade, muitas vezes inacessíveis aos pobres.

Nukpezah e Blankson (2017) estudaram o impacto das microfinanças em mulheres empreendedoras rurais em Gana. A pesquisa evidenciou que a integração das microfinanças com programas de apoio baseados em relações de grupo fortaleceu o acesso ao crédito, aumentando a produtividade e elevando o padrão de vida dessas mulheres.

Wierenga (2020) analisou empreendedores de baixa renda que conseguiram escalar inovações a partir de recursos e redes locais. A autora introduz o conceito de bricolagem de base, evidenciando como esses empreendedores adaptam e reconfiguram o que está disponível para inovar e crescer, mesmo diante de adversidades estruturais como ausência de redes amplas e financiamento.

Neumeyer, Santos e Morris (2021) discutiram a importância da tecnologia e da alfabetização digital para o empreendedorismo em contextos de pobreza. O estudo apresenta uma estrutura conceitual que relaciona tecnologia, capacidade de absorção e adoção de práticas inovadoras. Embora essenciais, novas tecnologias podem se tornar barreiras quando não há preparo técnico nem suporte adequado para sua integração aos negócios.

Wang e Jie (2025) avaliaram os impactos da política chinesa Targeted Poverty Alleviation (TPA) sobre o empreendedorismo de famílias pobres. Apesar do acesso ao microcrédito ter sido ampliado, os autores destacam que isso não resultou em melhorias no bem-estar geral dessas famílias, sugerindo que incentivos financeiros isolados são insuficientes para transformar estruturalmente a realidade desses empreendedores.

4.2 CAMINHOS PARA O FUTURO: AGENDA DE PESQUISA SOBRE EMPREENDEDORISMO EM CONTEXTOS DE BAIXA RENDA

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma agenda de pesquisa construída a partir das lacunas, recomendações e reflexões indicadas pelos autores dos estudos analisados. Ao destacar possíveis direções teóricas e metodológicas, o capítulo propõe temas promissores para futuras investigações que desejam compreender, aprimorar e expandir o papel do empreendedorismo em contextos de baixa renda.

Assim, Si *et al.* (2015) sugerem explorar fatores universalmente aplicáveis a partir do caso de Yiwu, a fim de gerar indicadores para a redução da pobreza em escala global. Recomendam, ainda, estudos comparativos com outras regiões pobres e análises empíricas baseadas em grandes conjuntos de dados, incorporando variáveis como governança corporativa e modalidades de financiamento (microcrédito, investimento-anjo, capital de risco) para compreender seu impacto na gestão de novos empreendimentos.

Al-Dajani e Marlow (2010) propõem que pesquisas futuras explorem atitudes em relação ao trabalho autônomo feminino em setores que não envolvem habilidades tradicionais, para entender como essas escolhas influenciam a percepção sobre empreendedorismo e autonomia em contextos patriarcais.

Tobias, Mair e Barbosa-Leiker (2013) recomendam investigar com mais profundidade o empreendedorismo transformador em zonas de pobreza extrema, buscando compreender como romper as condições inter-relacionadas que perpetuam a pobreza e identificar mecanismos que promovam paz e prosperidade em regiões marcadas por conflitos.

Wu e Si (2018) destacam a importância da sustentabilidade no empreendedorismo voltado à redução da pobreza, sugerindo comparações entre diferentes modelos de ação empreendedora e seus efeitos em longo prazo.

Al-Dajani *et al.* (2015) indicam a necessidade de estudos longitudinais em diferentes contextos, bem como uma análise crítica da abordagem gerencial adotada por empresas intermediárias. Também recomendam explorar como organizações e atores locais moldam, restringem ou potencializam o potencial emancipatório do empreendedorismo.

Osei e Zhuang (2020) sugerem aprofundar a investigação sobre moderadores e mediadores entre capital social e alívio da pobreza. Defendem a realização de estudos longitudinais e a comparação entre homens e mulheres no uso de capital social em diferentes setores.

Scott *et al.* (2012) indicam a importância de examinar criticamente o alcance de modelos de negócio que se dizem emancipatórios, considerando os limites estruturais que afetam sua eficácia. Nukpezah e Blankson (2017) reforçam a relevância de investigar o impacto de políticas públicas integradas a esquemas de crédito solidário, com atenção à interação entre estrutura social e adesão ao programa.

Wierenga (2020) recomenda estudar empreendedores que falharam na expansão de seus negócios, analisar sua viabilidade econômica de longo prazo e aprofundar a compreensão sobre as lacunas de financiamento enfrentadas por empreendedores de base. Esses dados podem orientar políticas públicas mais eficazes.

Neumeyer, Santos e Morris (2021) sugerem investigar os efeitos diretos e indiretos da adoção de tecnologia no empreendedorismo em contextos de pobreza, além de aprofundar o entendimento sobre os estágios de alfabetização digital como pré-requisito para o reconhecimento de oportunidades. Destacam a importância desses estudos para gestores públicos, formuladores de políticas e agentes de desenvolvimento.

Chatterjee, Shepherd e Wincent (2022) propõem novas teorizações sobre o bem-estar de mulheres empreendedoras na base da pirâmide, considerando traços de personalidade,

redes sociais, castas e outros fatores contextuais. Recomendam estudos longitudinais para compreender a variabilidade no bem-estar ao longo do processo de empreender em contextos de adversidade.

Por fim, destacam-se Alvarez e Barney (2014) quando propõem que futuras pesquisas explorem como oportunidades empreendedoras formadas em um contexto podem ser transferidas ou cocriadas em outros, especialmente em fronteiras internacionais. Indicam ainda a necessidade de investigar como tais oportunidades evoluem e se consolidam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão sistemática mapeou a produção científica que aborda o empreendedorismo em contextos de baixa renda. Assim, identificou os principais eixos temáticos associados ao tema e propôs uma agenda de pesquisa voltada a futuras investigações. Na amostra do portfólio de 30 artigos, a maioria dos estudos trata sobre as características do empreendedorismo em contextos de baixa renda, seguido da sua efetividade como instrumento de redução da pobreza e dos estudos que discutem o empreendedorismo feminino em contextos de baixa renda. Um conjunto menor de artigos reúne discussões sobre as estratégias de promoção e dinâmicas setoriais do empreendedorismo na pobreza, englobando tanto os programas de incentivo (como microfinanças, políticas públicas e ações de capacitação), quanto às experiências empreendedoras em setores específicos, como o turismo, a tecnologia e a inovação, além da identificação de oportunidades empreendedoras em territórios de baixa renda.

A produção científica sobre empreendedorismo em contextos de baixa renda é ampla, rica em contribuições teóricas, mas ainda fragmentada e concentrada geograficamente. A revisão sistemática apresentada permitiu mapear e sistematizar a produção científica sobre o empreendedorismo em contextos de baixa renda, revelando a complexidade e diversidade de abordagens presentes na literatura. Os estudos analisados convergem em torno de quatro eixos temáticos principais: as características do empreendedorismo na pobreza, sua efetividade como instrumento de redução da pobreza, o protagonismo feminino em cenários vulneráveis e as estratégias setoriais e emergentes voltadas à superação da pobreza.

Embora os achados revelem o potencial transformador do empreendedorismo, também evidenciam seus limites diante de barreiras estruturais, institucionais e sociais que afetam diretamente os resultados dos empreendedores pobres. Além disso, a concentração geográfica dos estudos em países da África e da Ásia indica uma lacuna importante na produção científica sobre essa temática em contextos latino-americanos, especialmente no Brasil. Assim, este capítulo reforça a necessidade de ampliar e aprofundar as investigações sobre os fatores que condicionam o sucesso do empreendedorismo como via de superação da pobreza, com especial atenção às especificidades culturais, econômicas e institucionais de cada território.

Por fim, a agenda de pesquisa proposta ressaltou a importância de compreender o empreendedorismo em contextos de pobreza como um fenômeno multifacetado, condicionado por fatores culturais, sociais, institucionais e econômicos. Ao reunir as recomendações dos principais estudos analisados, este capítulo oferece direções relevantes para o avanço teórico e empírico do campo, destacando a necessidade de abordagens comparativas, investigações longitudinais e análises interdisciplinares. Além disso, evidencia a urgência de ampliar os estudos para além dos contextos africanos e asiáticos.

Uma das limitações deste estudo refere-se à opção metodológica de utilizar exclusivamente a base de dados Web of Science, o que, embora garanta qualidade e rigor na seleção das publicações, pode ter restringido o alcance a outros trabalhos relevantes indexados

em bases distintas. Além disso, observou-se uma predominância de estudos conceituais e qualitativos no portfólio analisado, com menor representatividade de investigações quantitativas. Essa característica, embora contribua para compreensões aprofundadas e contextuais sobre o fenômeno, aponta para a necessidade de ampliar a diversidade metodológica em pesquisas futuras, incorporando abordagens quantitativas que permitam generalizações mais robustas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Michele H. F. SOUZA, Juliane V. ENSSLIN, Sandra R. ENSSLIN, Leonardo. Como construir conhecimento sobre o tema de pesquisa? Aplicação do processo Proknow-c na busca de literatura sobre avaliação do desenvolvimento sustentável. **Revista de Gestão Social e Ambiental - RGSA**, São paulo, v. 5, n. 2, p.47-62, mai./ago. 2011.
- AL-DAJANI, H.; MARLOW, S. Impact of women's home-based enterprise on family dynamics: Evidence from Jordan. **International small business journal**, v. 28, n. 5, p. 470–486, 2010.
- AL-DAJANI, H.; CARTER, S.; SHAW, E.; MARLOW, S. Entrepreneurship among the displaced and dispossessed: Exploring the limits of emancipatory entrepreneuring: Entrepreneurship among the displaced. **British journal of management**, v. 26, n. 4, p. 713–730, 2015.
- ALVAREZ, S. A.; BARNEY, J. B. Entrepreneurial opportunities and poverty alleviation. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 38, n. 1, p. 159–184, 2014.
- ARAÚJO. Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, Brasil. vol. 12, núm. 1, p. 11-32, enero-junio, 2006.
- BRUTON, G. D.; KETCHEN, D. J., Jr; IRELAND, R. D. Entrepreneurship as a solution to poverty. **Journal of business venturing**, v. 28, n. 6, p. 683–689, 2013.
- CARVALHO, G. D. G.; SOKULSKI, C. C.; SILVA, W. V.; CARVALHO, H. G.; MOURA, R. V.; FRANCISCO, A. C.; VEIGA, C. P. Bibliometrics and systematic reviews: A comparison between the Proknow-C and the Methodi Ordinatio. **Journal of Informetrics**, v. 14, n. 3, p. 101043, 2020.
- CHATTERJEE, I.; SHEPHERD, D. A.; WINCENT, J. Women's entrepreneurship and well-being at the base of the pyramid. **Journal of business venturing**, v. 37, n. 4, p. 106222, 2022.
- CHENG, Z.; TANI, M.; WANG, H. Energy poverty and entrepreneurship. **Energy economics**, v. 102, n. 105469, p. 105469, 2021.
- DENCKER, J. C.; BACK, S.; GRUBER, M.; HAAS, M. Reconceptualizing necessity entrepreneurship: A contextualized framework of entrepreneurial processes under the condition of basic needs. **Academy of management review**, v. 46, n. 1, p. 60–79, 2021.
- FAIRLIE, R. W. Entrepreneurship and earnings among young adults from disadvantaged families. **Small business economics**, v. 25, n. 3, p. 223–236, 2005.
- GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Unico de Saude do Brasil**, v. 23, n. 1, p. 183–184, 2014.
- GEM (Global Entrepreneurship Monitor 2023). **Empreendedorismo no Brasil: 2023/Livro**. Simara Maria de Souza Silveira Greco *et al.*, Curitiba: IBQP, 2022. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/09/Livro-BR-2023-2024-vF-Web-comprimido-1.pdf>>. Acesso em: 09 de julho de 2025.
- GEM (Global Entrepreneurship Monitor 2024). **Empreendedorismo no Brasil: 2023/Relatório Executivo**. Simara Maria de Souza Silveira Greco *et al.*, Curitiba: IBQP,

2022. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2025/03/Brasil-RE-2024-2025-VF.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2025.

GEORGE, G.; KOTHA, R.; PARIKH, P.; ALNUAIMI, T.; BAHAJ, A. Social structure, reasonable gain, and entrepreneurship in Africa: Social Structure, Reasonable Gain, and Entrepreneurship in Africa. **Strategic management journal**, v. 37, n. 6, p. 1118–1131, 2016.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. V35. n.3, p. 20-29. São Paulo. Mai/Jun 1995.

HOLDEN, A.; SONNE, J.; NOVELLI, M. Tourism and poverty reduction: An interpretation by the poor of Elmina, Ghana. **Tourism planning & development**, v. 8, n. 3, p. 317–334, 2011.

IMAS, J. M.; WILSON, N.; WESTON, A. Barefoot entrepreneurs. **Organization (London, England)**, v. 19, n. 5, p. 563–585, 2012.

KWARAMBA, H. M.; LOVETT, J. C.; LOUW, L.; CHIPUMURO, J. Emotional confidence levels and success of tourism development for poverty reduction: The South African KwameNkomo home-stay project. **Tourism management**, v. 33, n. 4, p. 885–894, 2012.

LAKNER, Christoph; GENONI, Maria Eugenia; STEMMLER, Henry; BAAH, Nishant Yonzan, Samuel Kofi Tetteh. Reproducibility package for Poverty, Prosperity and Planet Report 2024. Washington, DC: World Bank. 2024.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. nd-nd, 1998.

MARTINS, L. P.; VEIGA, H. M. S.; CORTEZ, P. A. Motivações e dificuldades vivenciadas por jovens empreendedores: Estudo qualitativo. **Revista de Psicologia**, V. 11, n. 2, p. 78 – 93, 2020.

MORRIS, M. H.; KURATKO, D. F.; AUDRETSCH, D. B.; SANTOS, S. Overcoming the liability of poorness: disadvantage, fragility, and the poverty entrepreneur. **Small business economics**, v. 58, n. 1, p. 41–55, 2022.

MORRIS, M. H.; SANTOS, S. C.; NEUMEYER, X. Entrepreneurship as a solution to poverty in developed economies. **Business horizons**, v. 63, n. 3, p. 377–390, 2020.

NAÇÕES UNIDAS. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. 2025.

NAÇÕES UNIDAS. Relatório Sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio 2015. Disponível em: <https://abm.org.br/ods/wp-content/uploads/2017/10/Relatorio-sobre-os-Objetivos-do-Milenio-2015.pdf>. Acesso em 18 de jun. 2025.

NAMINSE, E. Y.; ZHUANG, J.; ZHU, F. The relation between entrepreneurship and rural poverty alleviation in China. **Management decision**, v. 57, n. 9, p. 2593–2611, 2019.

NEUMEYER, X.; SANTOS, S. C.; MORRIS, M. H. Overcoming barriers to technology adoption when fostering entrepreneurship among the poor: The role of technology and digital literacy. **IEEE transactions on engineering management**, v. 68, n. 6, p. 1605–1618, 2021.

NUKPEZAH, J. A.; BLANKSON, C. Microfinance intervention in poverty reduction: A study of women farmer-entrepreneurs in rural Ghana. **Journal of African business**, v. 18, n. 4, p. 457–475, 2017.

OPHI and UNDP (2024). Global Multidimensional Poverty Index 2024: Poverty amid conflict. United Nations Development Programme (UNDP) and Oxford Poverty and Human Development Initiative (OPHI), University of Oxford.

OSEI, C. D.; ZHUANG, J. Rural poverty alleviation strategies and social capital link: The mediation role of women entrepreneurship and social innovation. **SAGE open**, v. 10, n. 2, p.

215824402092550, 2020.

PAGANI, N. Regina; KOVALESKI, J. Luiz; MARTINS DE REZENDE, L. M. Avanços na composição da Methodi Ordinatio para a revisão sistemática de literatura. **Revista IBICT**. Brasília, v.46, n. 2, p. 161-187, 2018.

PEREIRA R.S., SANTOS I.C., OLIVEIRA K.D.S., LEÃO N.C.A. Meta-analysis as a research tool: a systematic review of bibliometric studies in administration. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, n. 5, p. eRAMG190186, 2019.

SAMPAIO, R. B.; SACERDOTE, H. C. S.; FONSECA, B. P. F.; FERNANDES, J. H. C. A colaboração científica na pesquisa sobre coautoria: um método baseado na análise de redes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 4, p. 79–92, 2015.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 6. ed – Espanha: Mc Graw Hill Education. 2014.

SCOTT, L.; DOLAN, C.; JOHNSTONE-LOUIS, M.; SUGDEN, K.; WU, M. Enterprise and inequality: A study of Avon in South Africa. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 36, n. 3, p. 543–568, 2012.

SHEPHERD, D. A.; PARIDA, V.; WINCENT, J. Entrepreneurship and poverty alleviation: The importance of health and children’s education for slum entrepreneurs. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 45, n. 2, p. 350–385, 2021.

SI, S.; YU, X.; WU, A.; CHEN, S.; CHEN, S.; SU, Y. Entrepreneurship and poverty reduction: A case study of Yiwu, China. **Asia Pacific journal of management**, v. 32, n. 1, p. 119–143, 2015.

SI, S.; AHLSTROM, D.; WEI, J.; CULLEN, J. Business, entrepreneurship and innovation toward poverty reduction. **Entrepreneurship and regional development**, v. 32, n. 1–2, p. 1–20, 2020.

SOUZA, Pedro H. G. Ferreira de; OSÓRIO, Rafael G. Estimativas de famílias pobres e de baixa renda para o Cadastro Único. Brasília, DF: Ipea, dez. 2024. 47 p. (Texto para Discussão, n. 3071). DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/td3071-port>.

SRIDHARAN, S.; MALTZ, E.; VISWANATHAN, M.; GUPTA, S. Transformative subsistence entrepreneurship: A study in India. **Journal of macromarketing**, v. 34, n. 4, p. 486–504, 2014.

TOBIAS, J. M.; MAIR, J.; BARBOSA-LEIKER, C. Toward a theory of transformative entrepreneuring: Poverty reduction and conflict resolution in Rwanda’s entrepreneurial coffee sector. **Journal of business venturing**, v. 28, n. 6, p. 728–742, 2013.

VERREST, H. Rethinking microentrepreneurship and business development programs: Vulnerability and ambition in low-income urban Caribbean households. **World development**, v. 47, p. 58–70, 2013.

VISWANATHAN, M.; ECHAMBADI, R.; VENUGOPAL, S.; SHIDHARAM, S. Subsistence entrepreneurship, value creation, and community exchange systems: A social capital explanation. **Journal of macromarketing**, v. 34, n. 2, p. 213–226, 2014.

WANG, J.; JIE, M. Targeted poverty alleviation and entrepreneurship among the poor. **Emerging Markets Finance and Trade**, v. 61, n. 1, p. 66–79, 2025.

WIERENGA, M. Uncovering the scaling of innovations developed by grassroots entrepreneurs in low-income settings. **Entrepreneurship and regional development**, v. 32, n. 1–2, p. 63–90, 2020.

WORLD BANK. 2024. Poverty, Prosperity, and Planet Report 2024. Washington, DC: World Bank.

WU, J., SI, S. Redução da pobreza por meio do empreendedorismo: incentivos, redes sociais e sustentabilidade. **Asian Bus Manage** 17 , 243–259 (2018). <https://doi.org/10.1057/s41291->

018-0039-5

YESSOUFOU, A. W., BLOK, V., & OMTA, S. W. F. The process of entrepreneurial action at the base of the pyramid in developing countries: a case of vegetable farmers in Benin. **Entrepreneurship & Regional Development**, 30(1–2), 1–28, 2017.